

# c a n t a r d e a m i g o

Eu e tu: milhões!...

Entre nós—perto ou longe!  
—entre nós rios e mares  
montanhas e cordilheiras...

Eu e tu perdidos  
nesta distância sem fim do desconhecido,

Eu e tu unidos  
para além das cordilheiras  
por sobre mares de diferença  
na comunhão de nossos destinos confundidos  
—a minha e a tua vida  
correndo para a confluência  
num mesmo Norte.

Eu e tu amassados  
nesta angústia que é de nós,  
minha e tua,  
e mais do que de nós...

Eu e tu  
carne do mesmo corpo  
amor do mesmo amor  
sangue do mesmo sacrifício!

Eu e tu  
elos da mesma cadeia  
grãos da mesma seara  
pedras da mesma muralha!

Eu e tu, que não sei quem és,  
que não sabes quem sou:

—Eu e tu: Amigo! Milhões!...

J O A Q U I M N A M O R A D O

## d e c i n e m a

Passado num bairro miserável da grande capital, não se nota nele a preocupação, muito freqüente agora, de divinizar a pobreza, entoando hossanas à sua admirável resignação, como se fôsse possível isentar a integridade moral da influência dissolvente dum meio corrompido.

A preocupação que assistiu à confecção deste filme, foi a de respeitar o melhor possível a verdade da vida, de modo que tôdas as figuras são tratadas com a maior imparcialidade, não se notando no realizador simpatia por qualquer delas.

Não se lhe nota também—o que lhe faria diminuir o valor artístico—a preocupação de defender uma tese, como sucede nas obras de carácter panfletário, que chocam a independência crítica do público porque as conclusões são impostas quasi brutalmente, além de que, por vezes, a verdade da vida é neles atraçoada, por isso que os personagens são escolhidos e movem-se unicamente de acôrdo com as exigências do panfleto.

Aqui não. William Wyler,—o realizador, com uma perfeita compreensão do verdadeiro sentido da obra de arte, impregnou o filme dum profundo humanismo, de modo que a tese é-nos sugerida subjectivamente, mas duma maneira irresistível.

O realismo neste filme foi levado tão longe, que os rapazes que numa interpretação fidelíssima encarnam os garotos do bairro East-End, não foram recrutados entre os pequenos grandes actores que abundam nos estúdios, mas apanhados nas próprias ruas da cidade. Isto porque Wyler entendeu que aqueles, forçados a interpretar personagens de cuja existência provavelmente nem suspeitavam, não seriam capazes de lhes emprestar o cunho de verdade exigido.

Nos restantes intérpretes seria injustiça salientar Silvia Sidney e Joel Mac Crea, porque os actores secundários encarregaram-se dos papéis com tamanha correção que se nivelaram aos consagrados.

A perfeição da crítica exigiria uma dissecação rigorosa

dos factores que constituem o filme. Mas isso é-nos impossível pois todos os seus elementos se harmonizam numa síntese perfeita, valorizando-se reciprocamente para nos darem, aliados à nossa sensibilidade e à nossa inteligência, uma obra de arte de intraduzível beleza.

Quer na realização, sem malabarismos de técnica, quer na interpretação, onde a intensa vibração dramática de algumas cenas é dada sem vislumbres de teatralidade, a sobriedade de processos reina claramente, valorizando mais ainda o filme.

O argumento faz ressaltar alguns dos problemas da patologia social, como o do bandidismo e o da acção nefasta das casas de correção, os quais são aqui tratados com manifesta competência sociológica reflectida numa maneira de encarar o criminoso, plena de humanidade.

Rodeando os garotos do mesmo clima que outrora envolvera o «gangster» Babyface e mostrando-nos a decomposição moral que gradualmente ia progredindo ne-

les, obriga-nos a concluir que o crime não é uma solicitação individual de momento, mas sim a resultante das pressões constantes exercidas sobre um espirito enfraquecido pela acção depauperante do meio.

O contraste entre os pobres habitantes do bairro e os milionários seus vizinhos é-nos bem vincado de várias maneiras sob a forma de pequenos pormenores que, embora acessórios da acção, tem um papel importante na fiel pintura do ambiente e melhor recorte psicológico dos personagens.

E' de surpreender que William Wyler, um desconhecido, (dêle creio que só se exibiu cá «Cidade do Ouro») nos dê assim inesperadamente uma obra de tanto valor que revela um talento em plena maturidade e o faz cotar como um dos melhores realizadores americanos.

Esperamos que êle persista no caminho iniciado com esta obra, que a nosso ver é aquele que maiores progressos pode trazer à sétima arte.

JULIO GESTA